

FONTE : JB

CLASS. : 03

DATA : 19 11 89

PG. : 22

Projeto italiano de hotel na Amazônia vai ser investigado

Ricardo Lessa

Uma denúncia movimentou a imprensa italiana no mês passado. Os membros de uma organização católica, Comunhão e Libertação, estariam especulando com terras na Amazônia. E, pior, planejavam construir um hotel dentro da estação ecológica das Ilhas Anavilhanas, um majestoso arquipélago fluvial localizado a 100 quilômetros de Manaus.

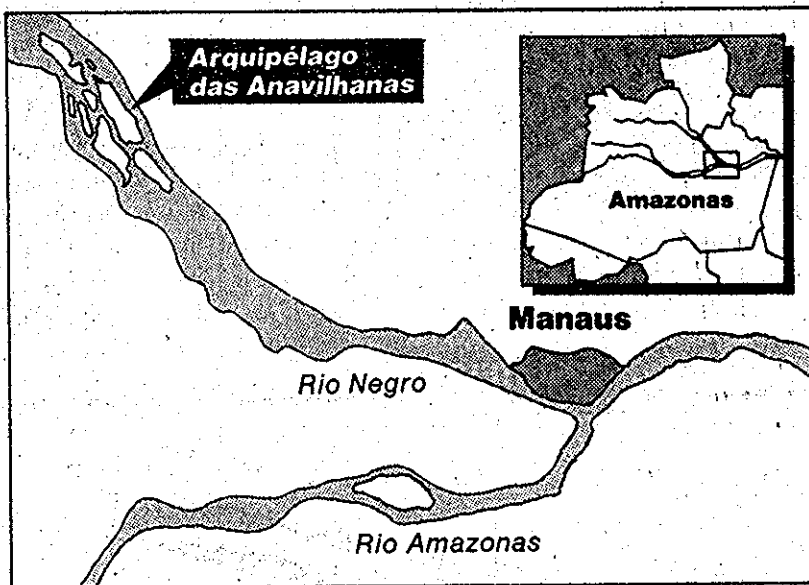
A primeira notícia apareceu na revista dos missionários xaverianos, *Missione Oggi*, sob o título "Da selva de Roma à floresta amazônica". Num editorial indignado, a publicação acusa a iniciativa de "encobrir sob o manto da caridade e da religiosidade um empreendimento consumista e capitalista".

A revista publica uma carta remetida pelo Centro de Solidariedade São José, de Manaus, onde o italiano Giovanni Pradelli, residente na capital amazônica e ligado ao movimento Comunhão e Libertação, informa aos compatriotas sobre o projeto, que "nasceu do desejo de contribuir para o financiamento das obras de caridade dos missionários italianos no Brasil".

Missione Oggi faz carga também contra o Pime (Pontifício Instituto Missionário Estrangeiro) e o *Movimento Popolare*, que estariam articulando na Itália apoio ao projeto amazônico, que beneficiaria suas obras na região. O padre Piero Ghedo, dirigente do Pime em Roma, publicou um artigo no diário da conferência dos bispos italianos, *L'Avvenire*, desmentindo a vinculação do Pime com o projeto, mas afirmando que não via qualquer mal na construção do "albergue" ecológico.

Apesar de toda a balbúrdia na Itália — o assunto foi estampado pela revista *Panorama*, pelos jornais *La Stampa*, *la Repubblica*, *Il Manifesto* — os órgãos ambientalistas brasileiros só tomaram conhecimento do projeto na semana passada, quando o Instituto Brasileiro de Recursos Naturais Renováveis (Ibama) pediu a sua delegacia em Manaus para ser remetido para Brasília o projeto do hotel. Segundo a investigação preliminar do Ibama, a área reservada para o hotel, que teria acomodações para 40 ou 60 hóspedes, está distante cerca de 10 quilômetros da Estação Ecológica das Anavilhanas. Sua construção, em princípio, não é ilegal.

O ouvidor do Meio Ambiente, Re-



nato Torrano, promete um exame rigoroso no relatório de impacto ambiental do empreendimento, para garantir a proteção da estação ecológica, que, segundo ele, é uma espécie de menina-dos-olhos do Instituto. A lei que protege as estações ecológicas reserva a área unicamente para pesquisas científicas. E o projeto do hotel prevê a compra de barcos para passeios nas ilhas e até um ultraleve, para uma visão aérea da região.

O engenheiro-responsável pelo projeto do hotel, o italiano Sergio Chiarion, de 35 anos, espera que as autoridades liberem a papelada para começar a construção do hotel no final deste mês e concluí-lo em sete meses. Chiarion, que está há nove meses em Manaus, disse que não tem qualquer experiência em construção nos trópicos.

"Mas sei como construir sem devastar", defende-se, afirmando que se especializou em construções de madeira nas montanhas italianas. Ele explica que a área construída do hotel, todo em madeira, não terá mais de 1.200 metros quadrados e mais 1.000 metros de área adjacente desmatada. O restante dos 800 hectares (8 milhões m²) serão preservados, diz ele.

O engenheiro desmente que o hotel tenha qualquer ligação com movimentos religiosos. "É um empreendimento capitalista, com sócios de várias religiões e partidos", disse ele. "Há sócios comunistas, republicanos, socialistas e católicos", defende-se Chiarion, que é católico não praticante. Ele admite que uma parte dos lucros será destinada a obras filantrópicas.

Chiarion explicou que a idéia do hotel partiu do empresário italiano Fernando Degan, que foi gerente da indústria de óculos Ialo, em Manaus, durante mais de 10 anos, e agora está de volta à Itália, onde trabalha em outra indústria do setor ótico, a Galileo. Foi ele, segundo Chiarion, que teve a idéia do empreendimento e que mobilizou seus colegas empresários para investir na idéia.

O hotel custará US\$ 522 mil, que seriam levantados pela venda de cotas de US\$ 2.500. A maior parte das cotas, 75%, seria vendida para italianos e 25% para brasileiros. Essa proporção deverá, contudo, sofrer uma modificação porque a Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa) exige participação meio a meio de brasileiros e estrangeiros.

Chiarion fez questão de diminuir a importância de seu compatriota Giovanni Pradelli, responsável por um projeto agrícola do Pime, nas cercanias de Manaus, no negócio. "Ele apenas forneceu a lista de pessoas que poderiam se interessar pelo projeto", sustentou Chiarion. Mas é Pradelli quem assina as cartas enviadas à Itália para atrair investidores para o hotel, com papel timbrado do Centro de Solidariedade São José. Chiarion acha que isso foi apenas uma coincidência. É também uma coincidência, para ele, o fato de que a maioria dos investidores da pequena comunidade italiana em Manaus estejam ligados ao Pime, à Comunhão e Libertação e seu braço internacional AVSI (Associação Voluntários para o Serviço Internacional).